

A PROBLEMÁTICA DA CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA E INDIVIDUAL NA OBRA LITERÁRIA *VER: AMOR* DE DAVID GROSSMAN À LUZ DA TEORIA DA IMAGINAÇÃO DE ESPINOSA

VIVIANA RIBEIRO*

David Grossman é um escritor judeu contemporâneo, nascido em 1954, em Israel e integra, portanto, a primeira geração de filhos nascidos após o Holocausto. *Ver: Amor* é uma obra de 1989, publicada no Brasil pela primeira vez em 1993 e o seu mote é a *shoáh*, a catástrofe do extermínio nazista que é como os judeus se referem ao Holocausto. O tema mais profundo do livro, no entanto, é: *como lembrar do que não se viveu?*

Para as comunidades judaicas, o fato de que logo não existirão mais sobreviventes, ou seja, pessoas que tenham passado diretamente pela experiência do nazismo, se apresenta como uma problemática pungente acerca da forma de transmissão desta memória não vivida para as novas gerações.

Primo Levi inicia o livro *É isso um homem?* com as seguintes palavras:

Vocês que vivem seguros
Em suas cálidas casas,
Vocês que, voltando à noite,
Encontram comida quente e rostos amigos.

Pensem bem se isto é um homem
Que trabalha no meio do barro,
Que não conhece a paz,
Que luta por um pedaço de pão,
Que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
Sem cabelos e sem nome,
Sem mais força para lembrar,
Vazios os olhos, frio o ventre,
Como um sapo no inverno.
Pensem que isto aconteceu:

Eu lhes mando estas palavras.
Gravem-na em seus corações,
Estando em casa, andando na rua,
Ao deitar, ao levantar;
Repitam-nas a seus filhos

Ou, senão, desmorone-se a sua casa,
A doença os torne inválidos,
Os seus filhos virem o rosto para não vê-los. (PRIMO LEVI, 1988, p. 9).

Primo Levi escreve para que se grave no coração; para que se repita às crianças e, assim, afirma a literatura como meio de transmissão e, até mesmo, criação de memória coletiva.

Ver: Amor, no entanto, não se trata de um livro de relatos, com objetivo de retratar a realidade. Ao contrário, é um livro que, a um só tempo, cria um mundo, resiste aos tempos sombrios – é um livro antes de tudo de resistência –, resgata e redime a vida singular dos judeus assassinados (retirando-os de uma mera estatística) e cuida de uma memória que se faz coletiva e é construída não pela vivência e experiência pessoal do escritor, mas por uma mistura de imaginação, conhecimento histórico e criação. É através deste livro que nós pretendemos tratar, portanto, das questões da imaginação, constituição de memória coletiva e resistência política.

Em texto publicado sobre o artista e escritor polonês Bruno Schulz, capturado e feito de “judeu doméstico” por um oficial da SS, que teria sido morto por outro oficial nazista, em razão de uma rixa, David Grossman escreveu:

Quando cheguei ao final do livro [de Schulz], li o epílogo, escrito por um dos tradutores de Schulz para o hebraico, Yoram Bronowski. E ali, pela primeira vez, deparei com a história da morte de Schulz:

* Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE DO RIO DE JANEIRO (UFF) com a pesquisa “A potência política da literatura em Gilles Deleuze”. Seus estudos se concentram em filosofia política e literatura.

No gueto de Drohobycz, Schulz tinha um protetor, um oficial da SS que se aproveitara de seu talento fazendo-o pintar murais nas paredes de sua casa. O rival desse oficial atirou em Schulz na rua para provocá-lo. Conforme os boatos, ao se encontrarem depois do ocorrido, um disse ao outro: “Eu matei o seu judeu”, e ouviu em resposta: “Muito bem, agora eu vou lá matar o seu”.

Fechei o livro. Senti como se me houvessem espancado. Como se estivesse caindo num abismo onde tais coisas fossem possíveis.

Nem sempre um escritor é capaz de indicar o momento preciso em que um livro nasceu dentro dele. Afinal de contas, os sentimentos e pensamentos se acumulam durante anos, até que amadurecem e irrompem no ato da escrita. No entanto, embora por muitos anos eu tivesse desejado escrever sobre a *Shoáh*, foram aquelas duas frases, esse exemplo devastador da sintaxe e da visão de mundo nazista – “Eu matei o seu judeu”; “Muito bem, agora eu vou lá matar o seu” –, que constituíram o impulso definitivo, a descarga elétrica que me fez dar início à redação do meu romance *Ver: Amor*.

[...]

A partir do momento em que eu soube que me tornaria escritor, soube também que escreveria sobre a *Shoáh*. E, com o passar dos anos, tive ainda mais certeza de que não poderia realmente compreender minha vida em Israel, como pessoa, como pai, como escritor, como israelense, como judeu, até que tivesse compreendido a vida que eu não tinha vivido – nos tempos da *Shoáh*, no espaço da *Shoáh*. Queria descobrir o que existia em mim que eu pudesse ter usado para resistir ao projeto nazista de aniquilação. Como eu teria preservado minha centelha humana vivendo em uma realidade que era totalmente planejada para extingui-la?

[...]

Em *Ver: Amor*, eu me empenhei, ainda que só por umas poucas páginas, em dar vida à Era Genial¹, tal como Schulz a evocara em seus escritos. Eu escrevi sobre uma era (...) em que já não é possível pensar de um modo que produza frases como “Eu matei seu judeu”; “Muito bem, agora eu vou lá matar o seu”. E também, é claro – será preciso

dizê-lo – o urgente desejo de resgatar, de redimir a vida e a morte do próprio Schulz (GROSSMAN, 2010, pgs. 121, 122, 128 e 130)

Bruno Schulz acabou se transformando em um dos personagens de *Ver: Amor*, e nele, sua vida é reinventada, recriada e expressa pura potência de resistência.

Ver: Amor é um livro composto por quatro capítulos. No Primeiro Capítulo, o personagem central é o menino Momik, de 9 anos que vive com seus pais no recém-criado Estado de Israel. O menino vive rodeado por adultos transtornados pelo trauma dos campos de concentração, visto que a primeira geração de judeus ocupantes do novo Estado ou eram sobreviventes ou exilados.

Momik ouve a todo momento sussurros sobre a “Terra de Lá” e a “Besta Nazista”, contudo, todos que o cercam, se calam sobre a experiência vivida, restando a Momik apenas pistas fragmentárias sobre algum acontecimento que o menino sente como extremamente doloroso e amedrontador.

Momik, então, aliado à *imaginação*, passa a atuar como detetive, recolhendo dados e informações, reunindo toda espécie de “ouvir dizer”, objetos e qualquer coisa que possa lhe conduzir a compreensão sobre essa experiência latente e recalçada, não dita, mas ainda tão viva naquela comunidade.

Sobre a Terra de Lá, Momik *imagina*:

À noite, na cama, Momik fica deitado desperto e pensa. A Terra de Lá dele era um país pequeno e lindo, com florestas em torno e trilhos de trem, pequenos e lustrosos, vagões coloridos e bonitos, desfiles militares e um imperador corajoso, e um caçador real, um *kloiz*, e uma feira de gado, e animais transparentes que brilham nas montanhas como passas num bolo. Mas a desgraça é que na Terra de Lá há um encantamento. Daí em diante tudo começa a ficar nebuloso. Caiu repentinamente uma espécie de maldição sobre as crianças, e os adultos e os animais e congelou a todos. Foi a Besta Nazista que fez isso. Ela passou pelo país e sua respiração simplesmente congelou tudo. Assim fez a Rainha de Gelo em uma história que Momik leu. Momik fica deitado na cama e dá assas à *imaginação* (...). Na Terra de Lá todos estão cobertos desde então com vidro muito fino que não permite que se movam, e é impossível tocar neles, e eles

1 Título de um dos contos de Bruno Schulz

como estão vivos, mas como que não, e só uma pessoa no mundo pode salvá-los, e é Momik (GROSSMAN, 2007, p. 60).

Momik *imagina* que a Terra de Lá e a Besta Nazista guardam todo o sofrimento vivido por seus pais e por sua comunidade, mas não compreende, absolutamente, nada sobre eles e a cada noite promete a si mesmo esforçar-se mais para compreender e combater. O antagonista da saga de Momik é a Besta Nazista que o menino entende ser, literalmente, um animal. Mas que animal seria esse? É de Bela, a vizinha e dona da mercearia, que Momik ouve algumas coisas importantes sobre a Terra de Lá e a respeito da Besta Nazista:

[...] ela [Bela], como todos os outros adultos que Momik conhecia, veio da Terra de Lá, da qual é sempre proibido falar em demasia, e só se pode pensar nela com o coração, e suspirar como um *krechts*, um suspiro, tão longo como *ooiii*, como fazem, todos, mas Bela é a final de contas um pouco diferente, e dela Momik ouviu algumas coisas importantes de verdade sobre aquela terra, apesar de também ela estar proibida naturalmente de contar a ele aqueles segredos, ela, apesar disso, revelou a ele alguns indícios sobre a casa que seus pais possuíam na Terra de Lá, e foi de Bela que Momik ouviu pela primeira vez a respeito da Besta Nazista.

Bem, para dizer a verdade, Momik pensou de início que Bela estava se referindo mesmo a um monstro imaginário ou a dinossauro gigantesco que tivesse existido alguma vez no mundo e que todos temiam. Mas não ousou fazer muitas perguntas a respeito. E então, quando chegou o novo avô e os pais de Momik se tornaram ainda mais infelizes e sofriam e gritavam à noite, e já se tornara impossível suportar isso, Momik decidiu perguntar a Bela novamente, e Bela lhe respondeu azeda que há algumas coisas que ele, graças a Deus, ainda não é obrigado a saber aos nove anos, e como dedos zangados desabotoou-lhe, como de hábito, o botão superior da camisa, e disse que sufocava só de vê-lo assim, mas Momik decidiu insistir e perguntou a ela bem claro que animal era exatamente a Besta Nazista (pois ele sabia muito bem que já não existem animais imaginários e certamente também não dinossauros); Bela deu uma longa tragada no cigarro e depois o amassou com força no cinzeiro, deu um *krechts* e olhou para ele, depois torceu os lábios, não

quis falar, e apesar disso deixou escapar e disse que a Besta Nazista pode na realidade provir de qualquer animal, é só lhe darem tratamento e comida adequados – e então ela logo acendeu outro cigarro, e seus dedos tremiam um pouco (GROSSMAN, 2007, pgs. 20 e 21).

“A Besta Nazista pode na realidade provir de qualquer animal, é só lhe darem tratamento e comida adequados”. Com base nessas informações, Momik tenta criar a Besta Nazista, com objetivo de vencê-la definitivamente, pois para o menino a Besta Nazista, obviamente, ainda não foi vencida, visto o transtorno dos adultos, e no porão de sua casa, Momik aprisiona um ouriço, uma tartaruga, um sapo, um lagarto, um gato, um corvo e uma gazela, esperando que, de algum desses animais (não se sabe qual) a Besta Nazista se manifeste.

Após longo período de cultivo e observação do comportamento dos animais, Momik atesta seu flagrante fracasso em trazer a Besta Nazista para o combate e, então, constata que é hora de sair da esfera da *imaginação* e fazer o que mais o amedronta, buscar “saber mais a respeito dela e de seus crimes”. E então Momik vai à biblioteca pesquisar sobre o Holocausto:

Leu ali livros de história sem pontinhos² sobre as coisas que os nazistas fizeram, quebrou a cabeça com toda espécie de palavras e expressões que só existiam naquela época. Costumava olhar durante muito tempo fotos estranhas e de modo algum conseguia compreender o que havia nelas e o que acontecia ali e o que pertencia a quem, mas no íntimo já começava a sentir que essas fotos lhe revelavam o início do segredo que todos guardavam. Viu fotos de pais que precisavam escolher entre dois filhos qual ficaria com eles e qual iria para sempre, e tentou pensar em como eles escolheriam e de acordo com o quê, e viu como um soldado obrigava um velho a montar um outro velho como se fosse um cavalo, e viu fotos de execuções de inúmeras formas que jamais soube que existiam, e viu fotos de covas nas quais estavam enterrados juntos muitos mortos que jaziam de formas diferentes, um sobre o outro e um com o pé no rosto do outro e outro com a cabeça virada tão torta que Momik, mesmo que

2 Conforme nota do tradutor de *Ver: Amor*, os pontinhos indicam, em hebraico, as vogais e são comumente usados em livros infantis ou de poesia.

tentasse, não conseguia virar assim, e desta forma, lentamente, Momik começou a compreender coisas novas, como, por exemplo, quanto o corpo da pessoa é uma coisa frágil e quebradiça em todo tipo de formas e em todas as direções, basta que se queira quebra-lo, e como a família é algo frágil se se deseja desmontá-la, isto pode acontecer num segundo, e tudo se acaba para sempre (GROSSMAN, 2007, p. 78).

Carregado por um montante de novo conhecimento adquirido, não mais apenas pela imaginação, Momik vai até Bela em busca de respostas para o indizível:

O que são trens da morte, Bela? Para que eles mataram também criancinhas? O que as pessoas sentem quando cavam a própria cova? Hitler teve mãe? É verdade que eles tomavam banho com sabão feito de seres humanos? Onde estão matando agora? O que é *Jude*? O que são experiências com seres humanos? E o quê, e o quê, e o quê, e como e como e por quê, e Bela, que já tinha percebido o quanto isso era decisivo e importante, a tudo respondia e nada ocultava, só que seu rosto ficava triste e muito angustiado (GROSSMAN, 2007, p. 78).

Após todas as tentativas fracassadas em fazer surgir a Besta, Momik *imagina*, mas agora aliado de um pouco de conhecimento histórico, adquirido em suas pesquisas na biblioteca e pela experiência com os pais e os vizinhos que para despertar a Besta Nazista nos animais, falta um ingrediente: coloca-la de frente a um judeu e, para isso, desenha minuciosamente em seu caderno, como um judeu se parece, como se comporta, como olha para os soldados, “porque é preciso aprender muita coisa para ser realmente um judeu”:

Mas Momik foi sozinho, sem ajuda de ninguém, que conseguiu encontrar um meio de extrair a Besta de dentro dos animais do depósito, e isso foi tão simples que era difícil compreender como esta ideia não lhe passara pela cabeça antes, pois até a sua tartaruga dorminhoca se lembra de repente que é uma tartaruga quando fareja as cascas de pepino verde, e o corvo – todas as penas ficam de pé quando Momik lhe traz o *pulke* –, e como é simples compreender que tudo o que Momik precisa fazer agora é mostrar à Besta a comida de que ela mais gosta: o judeu.

Ele então começou a planejar realmente com inteligência e com cuidado. Em primeiro lugar, começou a copiar a lápis em seu caderno desenhos dos livros da biblioteca, e registrava para si mesmo toda espécie de indícios para que pudesse lembrar como um judeu se parece, como um judeu olha para os soldados, como um judeu tem medo, como é um judeu num trem, como cava uma tumba. Escreveu também de acordo com as coisas que conheceu pela sua grande experiência anterior com os judeus, como, de que forma um judeu dá um *krechts* e como grita enquanto dorme e como come um *pulke* e coisas semelhantes. Momik trabalhou como pesquisador científico e detetive ao mesmo tempo. Por exemplo, este menino desta foto aqui, este com boné, que levanta as mãos. Momik tenta adivinhar coisas interessantes a respeito deste menino, como qual seria a aparência da Besta que ele viu diante de si naquele momento, e se ele sabia assobiar usando dois dedos, e se já ouviu falar que Horodov já não é só uma cidadezinha mas um grande goleiro, e o que fizeram os pais dele para que, por este motivo, ele precisasse levantar as mãos assim, e onde eles estavam em vez de cuidar dele, e se ele era religioso e se colecionava selos verdadeiros da Terra de Lá, e se alguma vez imaginou que o Estado de Israel, em Beit Mazmil, há um menino chamado Momik Neuman. É preciso aprender tanta coisa para ser exatamente um judeu, para ficar mesmo com cara de judeu e que de seu corpo saía exatamente o mesmo cheiro que o dele, como o do vovô, por exemplo, e de Munin, de Max e Moritz, e este é um cheiro diante do qual é sabido que a Besta não pode se controlar (GROSSMAN, 2007, pgs. 79 e 80).

Então, o menino conduz seu avô e todos os vizinhos mais velhos de seu bairro para o porão e os mantém trancados com os animais, pois está convicto de que é o ódio aos judeus o elemento determinante para o aparecimento da Besta.

O experimento de Momik que mistura conhecimento inadequado (imaginação), um pouco de conhecimento histórico (pesquisa na biblioteca), a forma como seu corpo é afetado na experiência de vivência com seus pais e vizinhos (conhecimento inadequado) fracassa e tempos depois de ter soltado os animais do porão, o cheiro deles ainda permaneceu ali por muito tempo, misturado ao cheiro dos judeus.

O segundo capítulo de *Ver: Amor*, Momik já adulto se torna um escritor e cria uma nova

história para Bruno Schulz, o artista polonês capturado pelos alemães quando da invasão de sua cidade, Drohobitz, em 1941. Schulz foi feito de “judeu doméstico” por um oficial da SS e morto por outro oficial nazista alemão, inimigo do primeiro. Em um mundo em que é possível proferir as frases: “Eu matei o seu judeu”; “Muito bem, agora eu vou lá matar o seu” (GROSSMAN, 2007, p. 117).

A história que Momik vai contar apresenta um Schulz que fugiu de seu gueto, viajou de trem proibido aos judeus, se lançou no Mar Báltico, entrou em comunhão com os peixes e se transformou em um salmão. Momik criou uma história para Bruno que é uma fuga, mas não uma fuga no sentido comum, por medo dos alemães e nem mesmo como um protesto contra a guerra, mas uma fuga que é uma resistência, que afirma a vida, que sai da estatística de um milhão de mortos, para inscrever-se no grande livro da vida (GROSSMAN, 2007, p. 108).

O terceiro capítulo de *Ver: Amor*, Momik cria a história de seu avô, Anshel Vasserman, sobrevivente dos campos – um judeu que não sabia morrer. Após a terceira tentativa frustrada de mata-lo, os alemães conduzem Vasserman ao gabinete do comandante do campo e relatam o estranho acontecimento. O comandante Neigel faz um breve interrogatório:

“Tentaram também atirar”? “Sim, comandante”.

“Tentaram dentro de um caminhão”?

“Sim, comandante”.

“E com gás, me digam, tentaram”?

“Sim, comandante. Pois foi com isso que começamos”.

“E os outros? Talvez o gás esteja estragado”? “Mas, não, comandante. Pois todos os outros que estavam com ele lá dentro morreram, como sempre. Nenhuma irregularidade, a não ser com ele” (GROSSMAN, 2007, p. 232/233).

E quando Neigel passa a interrogar Vasserman diretamente, recorda que o judeu foi um grande escritor de histórias infantis, lidas pelas crianças de toda Europa. Ele mesmo, Neigel, o nazista alemão, tinha sido leitor das *Histórias das Crianças do Coração*, do judeu Varsseman.

Neste momento, Vasserman e o nazista constituem um comum, no sentido espinosano: *Todos os corpos convêm em algumas coisas* (L 2, Parte 2 da *Ética*) e assim, o nazista tomado por uma grande emoção toma uma decisão e a impõe à Vasserman: que o judeu lhe conte uma história toda noite, algo bonito e prazeroso. Vasserman, num sobressalto, quase desmaiando, contrapropõe ao oficial que a cada noite, após o término da história, que o alemão tente mata-lo mais uma vez. E assim, judeu e nazista, preso e comandante do campo de concentração, celebram um acordo de Sherazade às avessas. A cada noite uma história para o nazista e uma nova tentativa de morte do judeu, que já não quer mais viver.

Assim, todo o Terceiro Capítulo de *Ver: Amor* se desenvolve em torno da relação entre Neigel e Vasserman, com este último contando para o nazista *As últimas aventuras das Crianças do Coração*.

O quarto e último capítulo de *Ver: Amor* tem como título *A Enciclopédia completa da vida de Kazik*, sendo Kazik um dos personagens da história que Vasserman conta para Neigel no terceiro capítulo. Porém, esta enciclopédia nada mais é do que a enciclopédia do nazismo.

A partir desses elementos literários, proponho pensar a Teoria da Imaginação de Espinosa, tal como apresentada pela *Ética*, a partir da Proposição 12 da Parte 3 que demonstra que toda dinâmica da vida afetiva é permeada pela imaginação. Vejamos: “A mente, o quanto pode, esforça-se para imaginar coisas que aumentam ou favorecem a potência de agir do corpo” (E3P12) e seguintes:

Quando a mente imagina coisas que diminuem ou coíbem a potência de agir do corpo, esforça-se, o quanto pode, para recordar coisas que excluem a existência daquelas (E3P13).

Se imaginarmos que uma coisa que costuma nos afetar com um afeto de Tristeza tem algo semelhante a uma outra que costuma nos afetar com um igualmente intenso afeto de Alegria, nós a odiaremos e a amaremos simultaneamente (E3P17).

Para Espinosa, a imaginação, junto com os afetos, é a responsável pela formação das ideias inadequadas. Corolário da Proposição 26 da Parte II: “*Enquanto a Mente humana imagina*

um corpo externo, nesta medida, não tem dele conhecimento adequado". Isso porque, enquanto imaginamos, ou enquanto a Mente é *determinada externamente, a partir de encontro fortuito com as coisas, a contemplar isso ou aquilo* (Escólio Proposição 29, Parte II) e não conhecemos "a partir da contemplação de muitas coisas em simultâneo, a entender as conveniências, diferenças e oposições entre as coisas" (parte final do Escólio Proposição 29, Parte II) nada conhecemos sobre os afetos e os encontros, sobre o que pode a mente e o corpo, enquanto não formamos as noções comuns, desconhecemos a causa do nosso conhecimento e, inclusive, ignoramos a sua própria insuficiência, visto que, para Espinosa, a imaginação se dá através da associação passiva e fortuita da percepção e está sempre lançada aos encontros dos afetos.

Deleuze, no texto *As três éticas*, propõe uma leitura da Ética dividida em três elementos e a cada um desses elementos, corresponde um dos gêneros do conhecimento: (i) signos ou afetos; (ii) noções ou conceitos; (iii) essências ou percepções. E assim, Deleuze provoca:

Contrariamente ao que acreditávamos, os signos e os afetos não são e não podem ser um elemento positivo da Ética e menos ainda uma forma de expressão, pois o gênero de conhecimento que eles constituem não seria bem um conhecimento, mas antes uma experiência onde se encontram ao acaso ideias confusas de misturas entre os corpos, imperativos brutos para evitar tal mistura e buscar tal outra e interpretações mais ou menos delirantes dessas situações (DELEUZE, 2011, p. 183 e 184).

É o que acontece com Momik criança e suas tentativas infrutíferas de fazer sair de animais como ouriço, tartaruga ou gazela, a Besta Nazista. Em todo Primeiro Capítulo de *Ver: Amor* podemos verificar a operação da imaginação e do ouvi dizer, na formação de ideias inadequadas: "a Besta Nazista pode provir de qualquer animal, basta lhe darem tratamento e comida adequados". Ou então na relação estabelecida entre Vasserman e o nazista, comandante do campo de concentração, tal como narrado no Terceiro Capítulo. Em uma passagem, o nazista se mostra convicto do projeto de extermínio do qual faz parte e a criação do novo mundo e esta convicção é, por óbvio, recheada de imaginação:

Tenho pensado sobre as coisas que tem acontecido aqui entre nós e concluí que você me desdenha. A seus olhos, você é um escritor e eu um assassino. Naturalmente, no mundo antigo em que você viveu chamavam uma pessoa como eu de assassino, mas já há alguns anos o mundo mudou. Talvez você não tenha percebido, mas o velho mundo morreu. O homem antigo morreu com ele. Eu já vivo no mundo novo. No futuro que meu Führer e o Reich me prometeram. As coisas que nós aceitamos fazer pelo Reich são feitas por razões que você jamais compreenderá. Você e a sua moralzinha judaica. Não sei me explicar muito bem nesses assuntos. Para isso teremos filósofos e professores que porão a cabeça para funcionar. A mim, cabe executar ordens e nessa guerra de agora vocês pertencem ao lado perdedor e nós somos os vencedores. Assim seremos chamados nos livros de história do futuro: os vencedores (GROSSMAN, 2014, p. 287).

Como Marilena Chauí já explicou longamente no livro *Política de Espinosa*, a imaginação como produtora de ideias inadequadas, pode ter uma relação estreita com o par infernal: o tirano e o sacerdote, contribuindo para a formação das superstições mais terríveis, pois, para Espinosa, é busca por bens incertos que os homens mais facilmente são submetidos aos ditames das paixões e pela esperança de obtê-los e pelo medo de perdê-los, os homens deixam-se conduzir pelas mais diversas superstições

Contudo, retornando a esteira de Deleuze, nem a imaginação, nem os signos ou afetos podem (ou devem) ser duramente criticados, tampouco pode ser ignorado que para que ocorra a passagem para o segundo gênero do conhecimento, ou seja, a formação de ideias claras e distintas, a imaginação e as experiências afetivas são indispensáveis:

No encontro ao acaso entre os corpos podemos selecionar a ideia de certos corpos que convêm com o nosso e nos dão alegria, isto é, aumentam a nossa potência. E só quando nossa potência aumentou suficientemente, a um ponto sem dúvida variável para cada um, entramos na posse dessa potência e nos tornamos capazes de formar um conceito, começando pelo menos universal (conveniência de nosso corpo com algum outro), mesmo se na sequência, devemos atingir os conceitos cada vez mais amplos segundo a ordem da composição das relações. Há, portanto,

uma seleção dos afetos passionais e das ideias de que eles dependem, e repelir as tristezas, signos de diminuição: tal seleção de afetos é a própria condição para sair do primeiro gênero de conhecimento e atingir o conceito adquirindo uma potência suficiente. Os signos de aumento continuam sendo paixões, e as ideias que eles supõem permanecem inadequadas: nem por isso deixam de ser os precursores das noções, os sombrios percussores. Ainda mais: quando as noções comuns forem atingidas, e ações decorrerem delas como afectos ativos de um novo tipo, não desaparecerão as ideias inadequadas e os afetos passionais, isto é, os signos, nem as tristezas inevitáveis. Subsistirão, duplicarão as noções, porém perderão seu caráter exclusivo e tirânico em favor das noções e das ações (DELEUZE, 2011, p. 184 e 185).

Pode-se dizer, assim, que a imaginação, muito embora contribua para produção de ideias inadequadas, constitui uma etapa importante para a passagem do primeiro para o segundo gênero de conhecimento.

Há, ainda, um segundo aspecto no qual a imaginação desempenha importante papel que é na formação da memória e na criação do hábito, sendo certo que memória e hábito são duas estratégias associativas do *conatus* para perseveração na existência.

No *Tratado da Emenda do Intelecto* Espinosa nos fornece o seguinte conceito de memória:

[...] A memória é corroborada com o recurso do intelecto e também sem o recurso do intelecto. Pois, a propósito do primeiro caso, quanto mais uma coisa é inteligível, tanto mais facilmente é retida; e ao contrário, quanto menos, tanto mais facilmente nós a esquecemos. Por exemplo, se eu trazer a alguém uma porção de palavras soltas, ele muito mais dificilmente as reterá do que se eu trouxesse as mesmas palavras na forma de uma narração. A memória também é corroborada sem o recurso do intelecto, a saber, pela forma através da qual a imaginação é afetada por alguma coisa singular corpórea. Digo singular: a imaginação, com efeito, é afetada apenas por coisas singulares; pois se alguém tiver lido, por exemplo, apenas uma Fábula de amor, haverá de retê-la otimamente enquanto não ler muitas outras desse gênero, porque, então, ela vige sozinha na imaginação, mas se são muitas do mesmo gênero, imaginamos

todas ao mesmo tempo e facilmente elas são confundidas. Digo também corpórea: pois a imaginação é afetada apenas por corpos. Ora, como a memória é corroborada pelo intelecto e também sem o intelecto, daí se conclui que ela é alo diverso do intelecto e que no intelecto, em si mesmo considerado, não se dá memória alguma, nem esquecimento. O que será, portanto, a memória? Nada mais que a sensação das impressões do cérebro, simultaneamente com o pensamento em determinada duração da sensação, o que a reminiscência também mostra (TIE, §§81, 82, 83).

A memória é, portanto, o lugar de registro das experiências afetivas, sua constituição depende, também da imaginação, com vimos anteriormente.

No Escólio da Proposição 18, da Parte 2, Espinosa formula novamente o conceito de memória:

Se o corpo humano tiver sido afetado uma vez por dois ou mais corpos em simultâneo, quando depois a Mente imaginar um deles, imediatamente se recordará dos outros.

Escólio

Daqui claramente entendemos o que seja Memória. Com efeito, não é nada outro que alguma concatenação de ideias que envolvem a natureza das coisas que estão fora do Corpo humano, a qual ocorre na Mente segundo a ordem e a concatenação das afecções do Corpo humano. Digo, primeiro, que a concatenação é apenas daquelas ideias que envolvem a natureza das coisas que estão fora do Corpo humano, e não das ideias que explicam a natureza dessas mesmas coisas. Pois, em verdade, são ideias das afecções do Corpo humano que envolvem tanto a natureza dele quanto a dos corpos externos. Digo, segundo, que essa concatenação ocorre conforme a ordem e a concatenação das afecções do Corpo humano para distingui-la da concatenação de ideias que ocorre segundo a ordem do intelecto, pela qual a mente percebe as coisas por suas causas primeiras e que é a mesma em todos os homens. Além disso, daí entendemos claramente por que a Mente, a partir do pensamento de uma coisa, incide de imediato no pensamento de outra coisa que nenhuma semelhança possui com a primeira (E2P18).

Em outra passagem de *Ver: Amor* podemos extrair a memória em plena atividade associativa:

quando uma ambulância municipal conduz o vovô Vasserman, sobrevivente do campo, à família do menino Momik:

O avô chegou numa ambulância do Morgen-David-Azul que parou à tarde, em meio a um temporal, junto à mercearia de Bela Marcus e dela desceu um homem gordo e bronzeado [...] e perguntou a Bela se ela conhecia aqui na rua a família Neuman, e Bela se assustou e enxugou rapidamente as mãos no avental e perguntou sim, sim, aconteceu alguma coisa? E o homem disse que não era preciso se assustar, não havia acontecido nada, o que há para acontecer?

[...] [Quando mamãe chegou] o motorista da ambulância dobrou lentamente o jornal e perguntou se eles são a família Neuman, se eles são parentes de Henri Mintz (...) e mamãe disse numa voz estranha, disse que sim, era a minha mãe, o que foi que aconteceu? E o motorista gordo sorriu gordamente e disse não aconteceu nada, o que é que havia para acontecer? Todos esperam o tempo todo que aconteça alguma coisa, só trouxemos para vocês o vovô, com parabéns (GROSSMAN, 2014, p. 9 e 11).

A memória constitui um papel fundamental no processo de reconhecimento do nosso próprio corpo, das ideias e dos afetos. É pela estratégia associativa da memória que o *conatus* pode recordar dos afetos de alegria e tristeza e, assim, a memória contribui para formação das noções comuns.

Para retornar ao problema inicial de *Ver: Amor: como lembrar do que não se viveu?* é necessário, ainda, acrescentar a noção de imitação afetiva, que retiro da Proposição 16 da Parte 3 da *Ética*:

Só por imaginarmos que uma coisa tem algo semelhante ao objeto que costuma afetar a Mente de Alegria ou Tristeza, ainda que isso em que se assemelham não seja a causa eficiente destes afetos, contudo a amaremos ou odiaremos

Demonstração

Aquilo em que se assemelham, nós o havíamos contemplado no próprio objeto com um afeto de Alegria ou tristeza; e portanto, quando a Mente for afetada

pela imagem daquilo, imediatamente será também afetada por um ou outro destes afetos e, conseqüentemente, a coisa que percebemos ter esta semelhança será por acidente causa de alegria ou tristeza; e por conseguinte, ainda que aquilo em que a coisa se assemelha ao objeto não seja a causa eficiente destes afetos, contudo a amaremos ou a odiaremos (E3P16).

Para o menino Momik, a constituição de sua própria memória, no que diz respeito ao trauma não vivido do holocausto e a constituição de si mesmo como judeu, se dará necessariamente pela imaginação e pela imitação afetiva, como quando copia em seu caderno, *para se lembrar como um judeu se parece, como olha para os soldados, como um judeu tem medo, como é um judeu no trem.*

Um dos grandes desafios que a filosofia de Espinosa nos propõe, principalmente, através da *Ética*, é compreender que a ordem e a conexão das afecções do corpo (o que produz a imaginação) regulam-se pela ordem e pelo encadeamento dos pensamentos na Mente, correspondência cuja a perfeição seria a verdadeira liberdade. Dentro deste campo afetivo, do qual não podemos sair, a constituição de Memória tem papel fundamental, como constituição do comum.

É pela memória que *Ver: Amor* foi escrito. Para contar uma outra história de resistência. É para resistir que Vasserman aceita contar uma outra história para o comandante Neigel intitulada: *A Última Aventura das Crianças do Coração* para que, como pensa o personagem, *sob as asas da águia nazista – suas penas apodreçam!* Para denunciar, uma vez mais, os últimos dos bárbaros.



REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Política em Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ESPINOSA, Baruch de. **Ética**. Tradução Grupo de Estudos Espinosanos. Coordenação da tradução Marilena Chauí. São Paulo: Edusp, 2015.

ESPINOSA, Baruch de. **Tratado da Emenda do Intelecto**. Tradução: Cristiano Novaes Rezende. Campinas, SP: Editora de Unicamp, 2015.

DELEUZE, Gilles. As três Éticas, In: **Crítica e Clínica**, Tradução: Peter Pál Pelbert, São Paulo: Editora 34, 1997, p. 156-170.

GROSSMAN, David. **Ver: Amor**. Tradução: Paulo Geiger, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GROSSMAN, David. A Era Genial. A lenda de Bruno Schulz. **Revista Serrote**. n.5, p. 116-135, Mai. 2010.

LEVI, Primo. **É isso um homem?** Tradução: Luigi Del Re, Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

